

Textos Jornalísticos

Texto 1: Notícia

O presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, disse que o país "destruirá" o grupo Estado Islâmico. Ele anunciou, neste domingo (6), medidas anti-terrorismo em pronunciamento na TV. O presidente afirmou que o ataque ocorrido na Califórnia, no qual 14 pessoas morreram, foi um "ato de terrorismo". Segundo ele, o americano Syed Farook e sua mulher paquistanesa, Tashfeen Malik, casal que cometeu o ataque, iniciou "o caminho obscuro da radicalização, abraçando uma interpretação pervertida do Islã, que pede uma guerra contra os Estados Unidos e contra o Ocidente".

Para ajudar a conter essa ameaça, o presidente sugeriu a implementação de controles de fronteira e pediu a adoção de um controle de armas mais rígido - para que seja "mais difícil matar" -, assim como a ajuda das empresas do setor de tecnologia.

Em raro discurso transmitido pela televisão, Obama garantiu que os EUA vão "destruir" o grupo Estado Islâmico e prometeu caçar terroristas onde quer que estejam. "Vamos destruir o ISIL (acrônimo do EI em inglês) e qualquer outra organização que tente nos prejudicar", frisou.

Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/12/eua-vao-destruir-o-estado-islamico-diz-obama-em-pronunciamento.html>

Texto 2: Reportagem

Rumo à Olimpíada: elas treinam com o dinheiro que sobra

Link: <http://www.nexojornal.com.br/reportagem/2015/11/13/Rumo-à-Olimp%C3%ADada-elas-treinam-com-o-dinheiro-que-sobra>

Texto 3: Artigo de Opinião

As redes sociais e os atentados

É nas grandes emergências que a internet em geral, e as mídias sociais em particular, mais se mostram — e o que se vê é como a Humanidade que as alimenta, ao mesmo tempo bom e mau, solidário e egocêntrico, confuso e esclarecedor. Os atentados ainda estavam acontecendo em Paris, e as redes sociais já estavam fervendo. O número de vítimas crescia, a desinformação ainda era geral, mas a intolerância já mostrava a sua cara em tuítes escabrosos. Os pobres refugiados sírios, que deixaram as suas vidas para trás justamente por causa do Estado Islâmico, se tornaram alvo de um festival de xenofobia; ao mesmo tempo, as grandes potências ocidentais viraram saco de pancadas de quem atribui todos os males do mundo à Europa e aos Estados Unidos, que certamente têm grande parcela de culpa pela situação desesperadora do Oriente Médio, mas não estão sozinhos no comando do inferno.

Do lado bom, viu-se uma imensa corrente de solidariedade, compaixão e troca de informações relevantes. O Facebook ativou um recurso até aqui usado apenas em desastres naturais, o *Safety Check*, para que todos pudessem ver se os seus amigos e conhecidos estavam

a salvo; e incontáveis parisienses abriram as suas casas para estranhos ilhados pela falta de transporte com a hashtag #porteouverte, porta aberta.

Essa bela iniciativa, lamentavelmente, naufragou em pouco tempo, diante da incompreensão maciça do que vem a ser uma hashtag, que é uma etiqueta feita para que se encontrem dados ou informações sobre determinado assunto. Milhares de usuários do Twitter, encantados com a ideia, passaram a louvá-la — usando a própria hashtag e, conseqüentemente, a inutilizando. O resultado é que quem precisava mesmo de uma #porteouverte, passou a se perder numa barragem de tuites inúteis: coisas do tipo “Que emocionante, os franceses estão usando #porteouverte para oferecer as suas casas!”, imediatamente seguidas por respostas como “Burros, parem de usar #porteouverte à toa!”.

No Brasil, assim que as primeiras bandeirinhas francesas começaram a colorir os avatares, a patrulha moralista do Facebook deu as caras, em toda a sua glória e estupidez, cobrando dos outros a bandeira mineira pela tragédia de Mariana — como se fosse preciso desligar uma dor para ligar a outra. É claro que a maioria das pessoas que se achou no direito de fiscalizar o luto alheio nunca havia feito um único post sobre o crime ambiental em Minas, muito menos trocado o seu avatar para qualquer espécie de manifestação de pesar.

Também houve muita cobrança nas mídias sociais, e não só no Brasil, pela diferença de reação entre os atentados na França e os que atingiram, antes, o Líbano, a Nigéria, o Quênia ou o próprio avião russo. Essa diferença de reação existe mesmo, e talvez se explique ou porque nos sentimos todos muito mais próximos da França do que de Beirute ou de Garissa, ou porque atentados em regiões percebidas como politicamente instáveis não chamem tanto a atenção, ou pelas duas coisas, e ainda tantas outras mais, juntas.

A verdade, porém, é que — novamente — os patrulheiros de plantão gastaram muito mais tempo e esforço cobrando a dor alheia por Paris do que denunciando os demais atentados assim que aconteceram. Se todos tivessem gritado em alto e bom som no momento em que os outros crimes foram perpetrados, ninguém poderia dizer, hoje, que eles passaram em branco.

Cora Rónai

Disponível em: <http://oglobo.globo.com/sociedade/tecnologia/as-redes-sociais-os-atentados-18066152>

Texto 4: Editorial

Por que escolhemos Dilma Rousseff

Começa oficialmente a campanha eleitoral e *CartaCapital* define desde já a sua preferência em relação às candidaturas à Presidência da República: escolhemos a presidenta Dilma Rousseff para a reeleição.

Este é o momento certo para as definições, ainda mais porque falta chão a ser percorrido e o comprometimento imediato evita equívocos. Em contrapartida, estamos preparados para o costumeiro desempenho da mídia nativa, a alegar isenção e equidistância enquanto confirma o automatismo da escolha de sempre contra qualquer risco de mudança. Qual seria, antes de mais nada, o começo da obra de demolição da casa-grande e da senzala.

O apoio de *CartaCapital* à candidatura de Dilma Rousseff decorre exatamente da percepção de que o risco de uns é a esperança de outros. Algo novo se deu em 12 anos de um governo fustigado diária e ferozmente pelos porta-vozes da casa-grande, no combate que desfechou contra o monstruoso desequilíbrio social, a tolher o Brasil da conquista da maioria.

CartaCapital respeita Aécio Neves e Eduardo Campos, personagens de relevo da política nacional. Permite-se observar, porém, que ambos estão destinados inexoravelmente a representar, mesmo à sua própria revelia, a pior direita, a reação na sua acepção mais trágica. A direita nas nossas latitudes transcende os padrões da contemporaneidade, é medieval. Aécio Neves e Eduardo Campos serão tragados pelo apoio da mídia e de uma pretensa elite, retrógrada e ignorante.

A operação funcionou a contento a bem da desejada imobilidade nas eleições de 1989, 1994 e 1998. A partir de 2002 foi como se o eleitorado tivesse entendido que o desequilíbrio social precipita a polarização cada vez mais nítida e, possivelmente, acirrada. Por este caminho, desde a primeira vitória de Lula, os pleitos ganham importância crescente na perspectiva do futuro.

CartaCapital não poupou críticas aos governos nascidos do contubérnio do PT com o PMDB. No caso do primeiro mandato de Dilma Rousseff, vale acentuar que a presidenta sofreu as consequências de uma crise econômica global, sem falar das injunções, até hoje inescapáveis, da governabilidade à brasileira, a forçar alianças incômodas, quando não daninhas. Feita a ressalva, o governo foi incompetente em termos de comunicação e, por causa de uma concepção às vezes precipitada da função presidencial, ineficaz no relacionamento com o Legislativo.

A equipe ministerial de Dilma, numerosa em excesso, apresenta lacunas mais evidentes do que aquela de Lula. Tirante alguns ministros de inegável valor, como Celso Amorim e Gilberto Carvalho, outros mostraram não merecer seus cargos com atuações desastradas ou nulas. A própria Copa, embora resulte em uma inesperada e extraordinária promoção do Brasil, foi precedida por graves falhas de organização e decisões obscuras e injustificadas (por que, por exemplo, 12 estádios?), de sorte a alimentar o pessimismo mais ou menos generalizado.

Críticas cabem, e tanto mais ao PT, que no poder portou-se como todos os demais partidos. Certo é que o empenho social do governo de Lula não arrefeceu com Dilma, e até avançou. Por isso, a esperança se estabelece é deste lado. Queiram, ou não, Aécio e Eduardo terão o pronto, maciço, às vezes delirante sustentáculo da reação, dos barões midiáticos e dos seus sabujos, e este custa caro.

Editorial por Mino Carta

Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/revista/807/por-que-escolhemos-dilma-rousseff-131.html>

Tema de Redação 1:

É inegável o poder da Internet de conectar pessoas, promover debates, criar um espaço de compartilhamento de informações. É inegável, também, sua importância no crescimento de movimentos, revoluções e sua participação na conquista de direitos da sociedade. Na Primavera Árabe, os canais de vídeo trabalharam a transmissão de eventos, opiniões e até repressões. Nas manifestações de junho de 2013, as redes sociais serviram como ponto de encontro da insatisfação da população.

A discussão que cresce, porém, é se a Internet, tendo esse papel de reunir multidões em um meio público de discussão, é uma facilitadora dos movimentos sociais, ou se acaba tendo papel de vilã, dividindo espaços, criando debates improdutivos e movimentos sem programas específicos. O sociólogo espanhol Manuel Castells, grande estudioso das transformações na sociedade provocadas pela “Era da Internet” e escritor de uma das mais importantes análises dos movimentos em rede, **Redes de indignação e esperança** (Zahar, 276 p.), quando desembarcou em São Paulo, em meio aos protestos contra o governo que se intensificavam em todo o Brasil, deu uma entrevista

à revista Época, apresentando sua opinião a respeito do que via por aqui. Veja um pequeno trecho dessa entrevista:

ÉPOCA - Como explicar as manifestações que começam com um motivo específico para depois se desdobrar em agendas mais amplas? É um movimento sem consistência ou esse tipo de situação é a marca do nosso tempo?

Castells - Essa é uma característica comum a todos os movimentos indignados em rede, em todos os países. São espontâneos, não dirigidos, começam por um fato insuportável, mas imediatamente surgem milhares de humilhações sofridas, cada dia por muitas pessoas, em particular os jovens, por causa das burocracias políticas. Com diziam os manifestantes de São Paulo em junho, “não são 20 centavos, são nossos direitos”. Como as instituições não processam realmente os problemas das pessoas, e sim se ocupam em satisfazer os políticos e seus aliados em primeiro lugar, quando há um canal de expressão na rua, aparecem coletivamente todas as demandas que cada um pode expressar individualmente.

Disponível em: <http://epoca.globo.com/ideias/noticia/2013/10/bmanuel-castellsb-mudanca-esta-na-cabeca-das-pessoas.html>

Trazendo uma opinião contrária, a escritora e diretora do Laboratório para a Cidade (LPC), criado para facilitar o acesso do público aos problemas do Estado e aproveitar a inteligência da sociedade para encontrar as melhores soluções, Gabriella Gómez-Mont, faz uma crítica indireta aos movimentos não programáticos, consequência das reuniões na rede trabalhadas por Castells:

ÉPOCA – Nas últimas semanas, parte da sociedade brasileira foi às ruas pedir redução das passagens de ônibus e melhora no sistema de saúde, entre várias bandeiras. Prefeituras cancelaram o reajuste de passagens, o Parlamento aprovou leis para atender às ruas e a presidente estudou fazer um plebiscito. O que um centro de discussões oficial, como o seu, acrescentaria às reações vistas no Brasil?

Gabriella – Protestos mostram que a população quer mudanças, mas são uma forma muito pobre de discussão. Ideias inovadoras para as cidades raramente cabem num cartaz. A energia de mudança deve ser filtrada, canalizada de forma consequente. É o que queremos fazer em nosso laboratório de ideias.

Qual a sua opinião sobre isso? Para você, **a rede é vilã ou facilitadora no crescimento de movimentos sociais**? Contrua um **artigo de opinião** apresentando argumentos que defendam sua posição. Se necessário, utilize as ideias de qualquer um dos dois estudiosos e de outros que você conheceu ao longo de sua formação.

Instruções:

Todo texto é produzido em um contexto de produção, pois quem escreve, o faz pensando em certos elementos que interferem no sentido dos textos: existe uma intenção do autor ao escrever, e esta intenção está direcionada a quem vai ler o seu texto. O autor também se atém a um determinado tempo e lugar, a divulgação é feita em determinado veículo. São elementos que criam um “elo” entre o autor e o leitor.

O produtor de um artigo de opinião busca construir para os leitores uma imagem de si mesmo, mostrando seus conhecimentos sobre o tema tratado, através da razão e da lógica, sustentando sua posição.

Disponível em: http://paraíso.etfto.gov.br/docente/admin/upload/docs_upload/material_7c7e3fba42.pdf.

Tema de Redação 2:

Medellín, na Colômbia, foi escolhida a cidade mais inovadora do mundo em uma competição realizada pela ONG americana Instituto Urban Land. A cidade, que já foi conhecida como o reduto da organização criminosa cartel de Medellín, venceu outras duas finalistas, Tel Aviv e Nova York, em uma votação de internautas.

São Paulo já havia no ano passado sido selecionada no concurso como uma das 25 mais inovadoras cidades do mundo, juntamente com cidades como Hong Kong, Toronto, Chicago, Lagos e Melbourne, mas acabou não sendo escolhida como uma das três finalistas.

Segundo o instituto, Medellín se destacou especialmente por ter ampliado a mobilidade de moradores em regiões pobres. A cidade tem um eficiente sistema de metrô e teleféricos, que permite às pessoas um acesso fácil à região central da cidade.

O Instituto Urban Land diz que Medellín protagonizou uma das mais notáveis reviravoltas urbanas da história moderna. Na lista de elogios à cidade, entraram espaços públicos, livrarias e galerias de arte, além da infraestrutura. Também foi citada uma escada rolante gigante e um sistema de teleférico que permite aos moradores pobres que vivem nos morros chegarem rapidamente ao centro da cidade, em um vale. O prefeito de Medellín, Aníbal Gaviria, afirmou que a premiação é "motivo de alegria para cada um dos 2,5 milhões de habitantes da nossa cidade".

Ele também elogiou o ex-prefeito Sergio Fajardo por lançar muitos dos projetos elogiados na premiação. Contudo, Medellín não foi capaz de abandonar completamente seu passado violento. Em dezembro, os corpos de nove pessoas foram encontrados em uma residência luxuosa nos arredores da cidade. A polícia diz acreditar que a motivação do crime foi um acerto de contas relacionado a uma organização criminosa baseada em Medellín cujos membros atuaram em cartéis de drogas.

Disponível em:
http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/03/130302_medellin_premio_.shtml



A cidade avançada
não é aquela em
que os pobres
andam de carro,
mas aquela em que
os ricos usam
transporte público.

ENRIQUE PEÑALOSA

Monitores: Bernardo Soares, Bruna Saad, Gianne Frade e Maria Carolina Coelho
14, 15, 16, 17, 18, 19 e 20/12/2015



Imagine que você seja editor de uma revista de circulação nacional e tenha que escrever o editorial referindo-se à matéria principal daquele número da revista, que é sobre **O DESAFIO DE SE GARANTIR A MOBILIDADE URBANA NO BRASIL**. Para redigir seu texto, fique atento às exigências desse gênero textual e defenda um posicionamento sobre o assunto.